

## Análise das atividades econômicas na Cidade Nova (RJ) oitocentista

*Análisis de las actividades económicas en la Cidade Nova (RJ) decimonónica*

*Analyse des activités économiques dans Cidade Nova (RJ) au XIX siècle*

*Analysis of economic activities in Cidade Nova (RJ) in the Nineteenth century*

**Patrícia Gomes da Silveira**

---



**Electronic version**

URL: <http://terraBrasilis.revues.org/1256>

DOI: 10.4000/terraBrasilis.1256

ISSN: 2316-7793

**Publisher:**

Laboratório de Geografia Política -  
Universidade de São Paulo, Rede Brasileira  
de História da Geografia e Geografia  
Histórica

**Electronic reference**

Patrícia Gomes da Silveira, « Análise das atividades econômicas na Cidade Nova (RJ) oitocentista », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 4 | 2015, posto online no dia 12 Fevereiro 2015, consultado o 02 Outubro 2016. URL : <http://terraBrasilis.revues.org/1256> ; DOI : 10.4000/terraBrasilis.1256

---

The text is a facsimile of the print edition.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

---

# Análise das atividades econômicas na Cidade Nova (RJ) oitocentista

*Análisis de las actividades económicas en la Cidade Nova (RJ) decimonónica*

*Analyse des activités économiques dans Cidade Nova (RJ) au XIX siècle*

*Analysis of economic activities in Cidade Nova (RJ) in the Nineteenth century*

Patrícia Gomes da Silveira

---

## Geografia Histórica: o estudo do “presente de então” no Rio de Janeiro do século XIX

- 1 Os estudos sobre geografia histórica vêm adquirindo nos últimos anos grande importância no meio acadêmico, através de grupos de pesquisa, congressos, simpósios, disciplinas, entre outros espaços propícios para o debate<sup>1</sup>. Inclusive, novos temas de pesquisa e fontes vêm se consolidando na disciplina, como os estudos sobre colonialismo, imperialismo, história ambiental, nacionalismo, espaços da globalização e construção de conceitos como gênero, classe e raça (NASH e GRAHAM, 2000).
- 2 A peculiaridade desta sub-disciplina da geografia já foi por bastante tempo alvo de inúmeros debates acadêmicos, que envolviam principalmente a possibilidade da geografia estudar o passado sem que fosse para buscar ali a chave para a compreensão do momento atual (ABREU, 2000; 2010). A geografia pode e deve se dedicar aos estudos sincrônicos, que não sejam exclusivamente motivados pelo entendimento do período atual. Para o autor é importante compreender o que em um dado momento do passado era o presente, ou seja, seu *presente de então*. Nesse sentido, o passado não é mais um ponto de apoio para os estudos sobre o presente. Este “presente de então” não deve ser entendido como o presente do calendário, mas como a duração dos fenômenos que se desenrolam no espaço geográfico.
- 3 Para os que se aventuram no campo da geografia histórica uma das preocupações em seus estudos deve ser a de questionar quais as estratégias, intenções, normas e/ou regulações

jurídicas, sociais e culturais envolvidas na organização e no arranjo do espaço geográfico do passado (NASH e GRAHAM, 2000). Compreender a lógica espacial que governa a ocupação e a transformação da superfície terrestre no desenrolar do tempo é um componente essencial nos estudos sobre as “geografias do passado”. Embora aquele lugar não exista mais em sua totalidade material, social e cultural, o espaço geográfico ainda guarda rugosidades do período, cuja análise será complementada pelas pesquisas nas instituições de memória (ABREU, 2010).

- 4 Com relação aos mapas históricos, é preciso clarificar que este pode ter duas visões: a primeira, de um documento original, funcionando como se fosse arquivo de época e a segunda, como um documento cartográfico atual, que retrata um fato histórico a partir de informações e dados que são acrescentados ao mapa antigo, tendo como referência uma fonte histórica (DEUS, 2006). Os cartogramas aqui elaborados apresentam um novo olhar sobre uma antiga base cartográfica, datada de 1866, que a partir das ferramentas de geoprocessamento ganhou novos conteúdos.
- 5 A Cidade Nova foi muito bem retratada nos mapas da época como um lugar pantanoso e alagado, devido ao Mangal de São Diogo aí existente. Entretanto, diante dos esforços da municipalidade e da população para aterrar e drenar o extenso mangal, a partir de meados do século XIX a ocupação, residencial e comercial, se intensificou. O desmonte do morro do Senado nas últimas décadas dos oitocentos veio encerrar a longa e exaustiva fase de aterro, possibilitando, posteriormente na gestão Passos (1902-1906) a construção do Porto do Rio de Janeiro e de avenidas importantes para a cidade, em um espaço que outrora, foi um pântano.
- 6 O advento dos transportes coletivos (trem-1858; carris urbanos-1868) veio reforçar a atração que esse espaço passava a exercer, sobretudo para uma população pobre, mestiça e migrante, que passou a retalhar as antigas chácaras aí existentes, transformando-as nas insalubres habitações coletivas (ABREU, 2006). A proximidade da Cidade Nova com o “centro da cidade”, onde as ofertas de trabalho eram maiores, contribuíam para acentuar essa atração.
- 7 Em relação ao recorte temporal adotado, este coincide com a 1ª fase de expansão acelerada da malha urbana do Rio de Janeiro, que se estende de 1870 a 1902 (ABREU, 2006), viabilizada em grande parte pelos transportes coletivos. Isso fez que não só a Cidade Nova, como também outros lugares passassem a fazer parte do espaço urbano contínuo do Rio de Janeiro, sendo submetidas a um novo espaço de relações, através dos novos usos aí estabelecidos.
- 8 Diante dos processos acima, a questão central que orientou o trabalho foi: A partir de um recorte sincrônico-diacrônico estabelecido, quais os fatores e dinâmicas que podem ter influenciado as mudanças no padrão de uso do solo? Nesse sentido, optou-se por analisar os usos do solo em 1872 e 1888 e os mosaicos obtidos foram analisados de forma quantitativa e qualitativa.
- 9 Abreu (2000) e Gomes (2009) concordam que a geografia se define pelo tipo de questão que é proposta visando contribuir para o entendimento da sociedade e do espaço geográfico, seja o espaço do presente ou do passado. “Haverá, contudo, sempre uma geografia quando o fenômeno da dispersão espacial construir a questão central do problema. A geografia existe em qualquer fenômeno em que haja uma dispersão espacial” (GOMES, 2009, p. 27), ou em certos casos, uma concentração espacial. A geografia precisa considerar que os arranjos espaciais são produtos históricos, resultados da ação humana

sobre a superfície terrestre e que a cada momento expressam as relações sociais que lhes deram origem (SANTOS, 2006).

## A Cidade Nova vista pelo *Almanak Laemmert*

### Coleta de dados em fontes históricas e o mapeamento

- 10 A fonte primária utilizada para o levantamento dos usos urbanos (atividades econômicas) na Cidade Nova foi o *Almanak Laemmert*, um tipo de anuário da cidade do Rio de Janeiro produzido entre 1844 a 1905. O Almanak era composto por informações sobre a administração pública, atividades econômicas, decretos, propagandas comerciais, entre outros (Figuras 1 e 2).
- 11 Sua rica e extensa composição é o que o torna uma das principais fontes históricas para o estudo da vida social, política e econômica da cidade do Rio de Janeiro. Além disso, o período de sua circulação está inserido em um contexto histórico-geográfico com significativas transformações para a urbe carioca.
- 12 A referência cartográfica foi a *Plan of the city of Rio de Janeiro (1866)*, elaborada por Edward Gotto. Os cartogramas foram elaborados com o auxílio do software Arc Gis 9.2
- 13 Para que fosse possível analisar as mudanças quanto ao padrão de uso do solo, julgou-se necessário a classificação das atividades por setor. Para isso seguiu-se a metodologia adotada por Motta (2001), o que resultou em: Comércio Varejista, Serviços, Manufaturas/ Artesãos e Uso Misto.

Figura 1: Capa da edição de 1888 do *Almanak Laemmert*

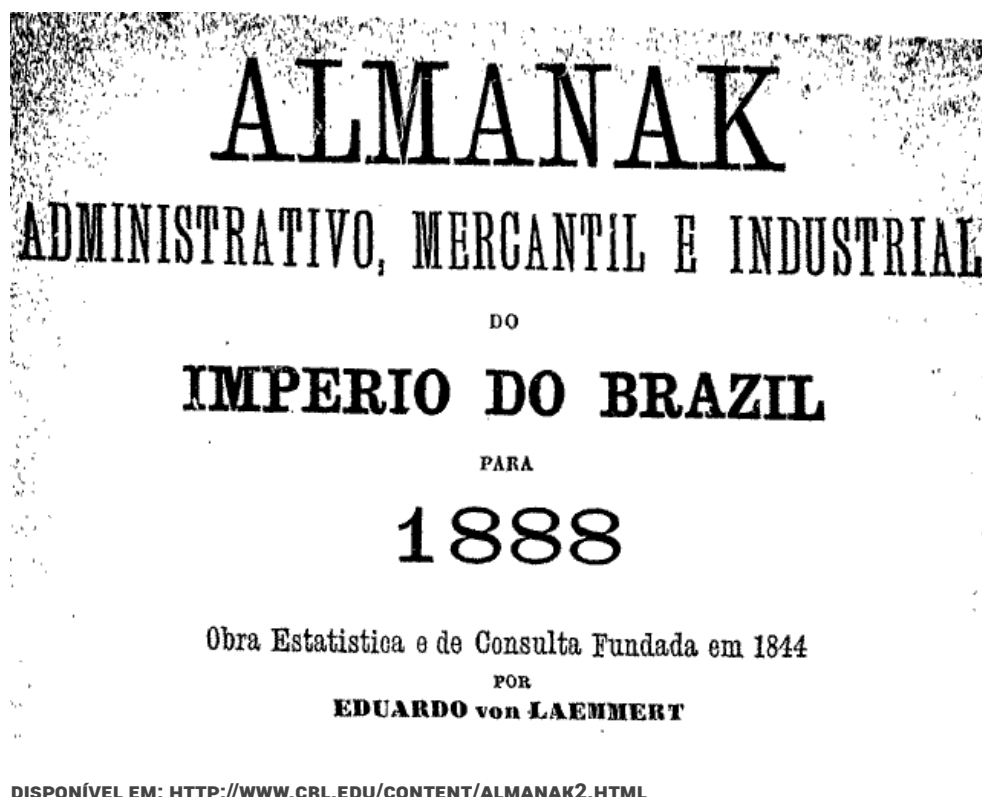


Figura 2: Exemplo de como as informações estavam dispostas nesse anuário

*Art. 839*  
**Tabaco em pó,**  
 Rapé e Fuuno picado (Fabricas, Depositos e Estanques de).  
 Alfredo Dias da Cruz, *Rapé Gasse*, r. Harmonia, A 1, deposito, r. Candelaria, 4.  
 Unico proprietario da Fabrica de Rapé, denominada *Esterão Gasse*.  
 Alfredo Francisco da Rocha, *Rapé fino nacional Princeza*, r. Rezende, 136.  
 Alvaro de Queiroz & Capllonch, r. 1º de Março, 63 sobr. e 139.  
 Antonio Campos & C., r. Assembléa, 112, *Teleph.* 731.  
 Antonio Martins Sequeira & Irmãos, r. 1º de Março, 113.  
 Araujo Souza & C., r. Visc. Rio-Branco, 253, Nith.  
 Augusto Matheus dos Santos & C., r. Uruguayana, 170, e 172.  
 Carvalho, Ribeiro & C., r. Visc. Itaúna, 44; socios :  
 \* João Alves de Carvalho, r. Visc. de Itaúna, 44.  
 \* Bento José Ribeiro, r. Visc. Itaúna, 44.

**1019**

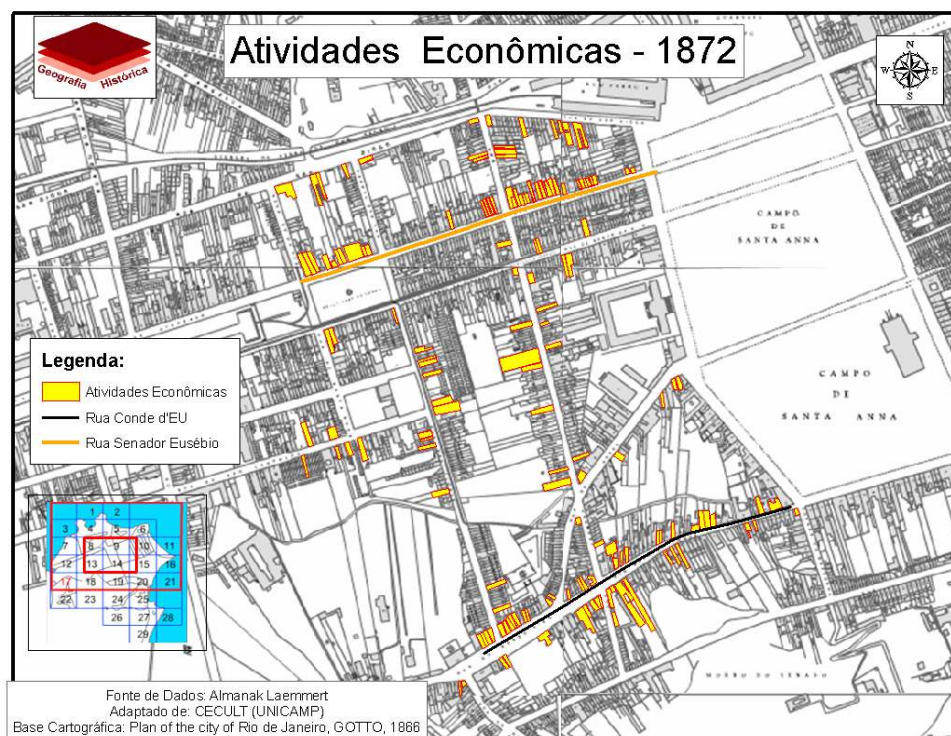
DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.CRL.EDU/CONTENT/ALMANAK2.HTML](http://www.crl.edu/content/ALMANAK2.HTML)

## Sobre a Cidade Nova: os usos do solo em 1872 e 1888

- 14 Nessa parte do trabalho, iremos analisar as especificidades de cada cartograma, para posteriormente proceder a uma análise comparativa entre os mosaicos.
- 15 O primeiro cartograma para o ano de 1872 possui 194 registros de atividades econômicas (Figura 3). Através dele é possível observar que a distribuição ainda era muito pontual, em virtude de esta área ter sido incorporada à malha urbana da cidade a pouco. O centro comercial e político do Rio de Janeiro no século XIX era a Cidade Velha, o que aqui também chamamos de “centro da cidade” (MOTTA, 2001). Isso justifica a “centralidade” que ela exerceu frente aos outros espaços da cidade. A antiga Rua Direita (atual rua Primeiro de Março) era conhecida como a rua dos negócios, das novidades, das modernidades, tendo sua fama perdurado até meados de 1850. Essa rua concentrava casas comerciais, boutiques, farmácias, livrarias, a Capela Real, a alfândega, entre outros edifícios. Segundo um viajante francês, ao percorrê-la tinha-se a impressão de estar em um pedaço de Londres sob os céus do Egito; para outro viajante, a rua Direita era a nossa Saint Honoré, a rua, por excelência das grandes casas comerciais (GERSON, 2000). Até o início do século XIX, a cidade ia praticamente até o atual Campo de Santana, a partir daí existiam uns caminhos de terras e algumas propriedades rurais, tudo sem grande importância para a vida econômica da cidade. Tais caminhos de terra só foram “lembrados” quando D. João VI, instalado na Quinta da Boa Vista, precisava ir até o Paço Imperial e tinha que passar por tais caminhos lameados: “Em 1811, ficavam isentas do pagamento de décimas urbanas as casas construídas nos terrenos conquistados ao lamaçal” (GERSON, 2000:170).

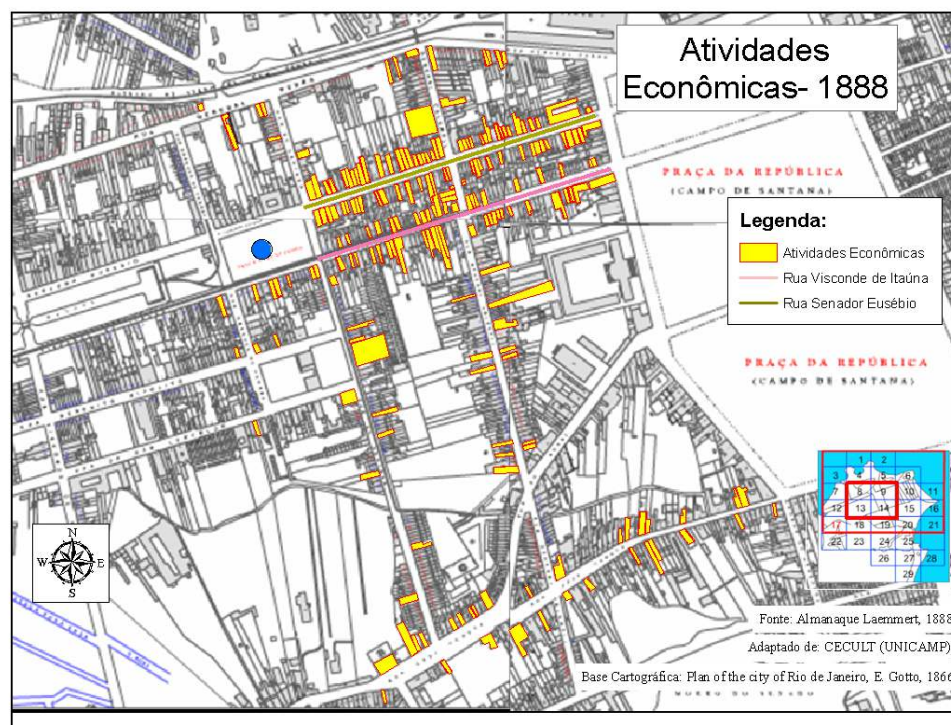


Figura 3: Atividades econômicas mapeadas para 1872



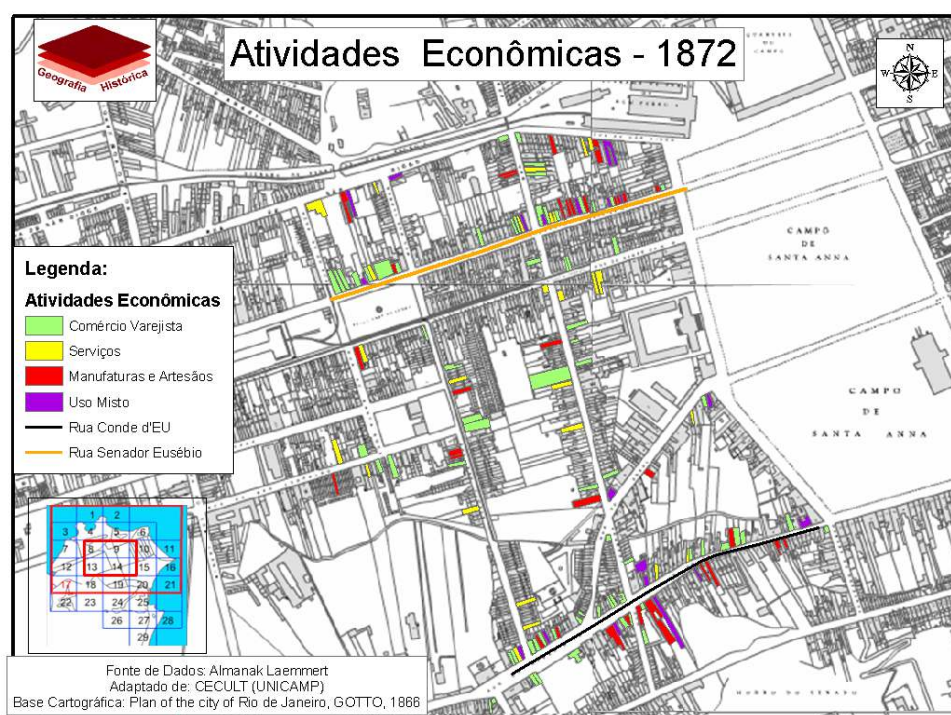
- 16 Com relação a 1888, nota-se que há um salto quantitativo em relação aos dados obtidos para 1872, pois de 194 passamos para 330 registros (Figura 4).

Figura 4: Atividades econômicas mapeadas para 1888



- 17 No segundo cartograma para 1872 (Figura 5) percebe-se que o comércio varejista se destaca, sendo composto em grande parte por atividades de baixo valor agregado e principalmente ligadas ao setor de Alimentos.
- 18 Como essas atividades correspondem àquelas que atendem às necessidades cotidianas da população, isso pode justificar sua localização próxima aos espaços residenciais, bem como seu padrão de localização ubíquo (MOTTA, 2001).
- 19 Como exemplo de atividades desse setor, temos: armarinhos, lojas de miudezas, açougues, lojas de materiais para obras, entre outros.
- 20 Quanto ao setor de serviços sobressai o número de registros do ramo da Saúde (médicos) e do ramo de Hotéis, com destaque para o número de habitações coletivas. Em 1872 das nove estalagens registradas no *Almanak Laemmert*, oito estão na Cidade Nova e dessas, quatro estão na Rua General Pedra.

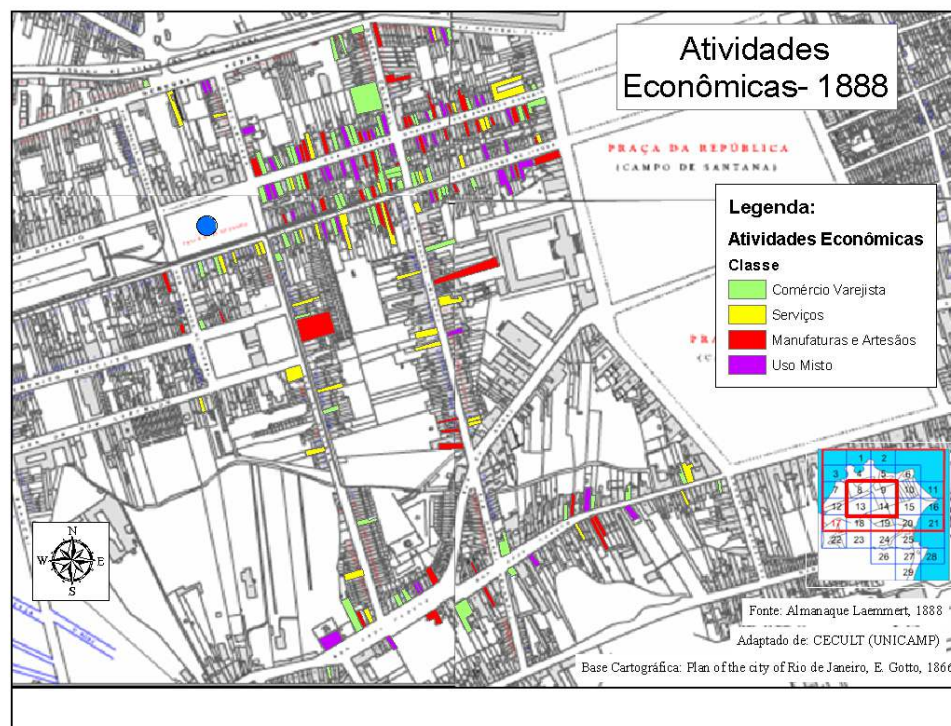
Figura 5: Atividades econômicas mapeadas por setor de atividade para 1872



- 21 Em 1888 (Figura 6), qualitativamente novos serviços aparecem, como: colégios, agentes comerciais, tipografia, procuradores, casas de negociantes, dentistas, ou seja, isso demonstra que para atender a demanda da populosa freguesia de Santana, que em 1870 era de 32.686 pessoas e em 1890 possuía 67.533 habitantes (Recenseamento de 1872 e 1890 *apud* ABREU, 2006), era preciso que novos serviços fossem oferecidos a esse mercado consumidor. Segundo Gerson (2000), após 1870 a municipalidade construiu várias escolas públicas no Rio de Janeiro, e uma foi inaugurada na Praça Onze, a São Sebastião. Esse incremento nos tipos de serviços oferecidos aos moradores da Praça Onze e arredores, indica uma expansão horizontal de certos estabelecimentos da Cidade Velha em direção a outros espaços da cidade do Rio de Janeiro.



Figura 6: Atividades econômicas mapeadas por setor de atividade para 1888



- 22 Analisando o comércio varejista e as manufaturas/artesãos, estes apresentaram um incremento quantitativo nos estabelecimentos já existentes (Tabela 1). Neste último setor, o aumento é notado principalmente no ramo de Alimentos e de Utensílios Domésticos.

Tabela 1: Quantidade de registros dos estabelecimentos comerciais

Atividades Econômicas	1872	1888
Cafés e bilhares	2	11
Fábricas de Charuto	2	7
Confeitarias	1	6
Farmácia	3	5
Padaria ou fábrica de pães	7	9
Fábricas de Cerveja	1	3

**FONTE:** Almanak Laemmert, 1872 e 1888.

- 23 Após a discussão a respeito dos mosaicos para 1872 e 1888, concordamos com Souza (1989) quando afirma que o bairro central típico da cidade pré-capitalista, era o responsável por concentrar atividades de comércio e serviço de maior significância e diversidade, enquanto que os bairros secundários dependendo de seu conteúdo social, poderiam ter



um comércio mais ou menos reles, porém permaneciam responsáveis pelo consumo rotineiro da população. Assim, pode-se fazer uma analogia do bairro central com a Cidade Velha e dos bairros secundários com a Cidade Nova, São Cristóvão e Glória.

- 24 Em relação às atividades econômicas, as que apresentaram maior número de registros foram: médicos, armazéns de secos e molhados e casas de pasto.
- 25 Quanto aos médicos, o Rio de Janeiro sendo uma cidade pestilenta, constantemente assolada por epidemias, era natural que as pessoas procurassem os médicos em busca de atendimento. Essa era uma das profissões que mais apresentava um padrão disperso pela cidade, o que também foi confirmado por Motta (2001) ao analisar sua distribuição pela Cidade Velha nos anos de 1870 e 1901.
- 26 Em relação aos armazéns de secos e molhados e as casas de pasto, como vendiam toda sorte de produto, eram estabelecimentos essenciais para o dia-a-dia da população. Na teoria de Christaller, os bens aí comercializados correspondem às atividades de hierarquia mais baixa, na qual a distância que o comprador pretende percorrer é pequena (MOTTA, 2001).
- 27 Um dado importante foi o aumento de 65% dos registros da atividade manufatureira no período analisado. Segundo a bibliografia consultada, isso era o reflexo da disposição periférica que essa atividade estava assumindo no final do século XIX. As possíveis causas para esse processo serão explicadas na próxima parte do artigo.
- 28 Outro aspecto que na verdade era um padrão na época, era a multifuncionalidade dos prédios. O uso misto ocorre quando em um mesmo endereço duas atividades de classes distintas coexistem, como um médico e um armazém de móveis, ou então que podem acabar se completando, como: um armazém de secos e molhados e uma estalagem; uma fábrica de farinha de trigo e uma padaria; ou então, o que era freqüente, a residência em conjunto com uma atividade econômica, visto que para as condições do período residir longe do trabalho era um privilégio para poucos.

## A “nova cidade” oitocentista

- 29 Após o detalhamento dos usos obtidos, retornaremos a questão central do trabalho, partindo do argumento de que as atividades econômicas não estão organizadas de forma pulverizada no espaço urbano (MOTTA, 2001). Elas fazem parte de uma lógica que não pode ser dissociada das práticas de organização espacial e das exigências do capital. “O estudo sobre a localização industrial é freqüentemente precedido por estudos que mostrem que esses padrões de localização são ajustados às circunstâncias físicas, sociais e econômicas de períodos particulares (SMITH, 1991, p.93).”
- 30 Assim, cada lugar é dotado em um momento de uma significação particular (SANTOS, 1979). No caso da Cidade Nova, esta de um extenso mangal, passou a ser retalhada em estreitos lotes para atender a demanda, sobretudo do capital fundiário e imobiliário (produção rentista de moradia). Seus significados vão sendo alterados à medida que a produção capitalista do espaço se consolida:  

O período que se estende de 1870 a 1902 representa para a história do Rio de Janeiro, não só a primeira fase de expansão acelerada da malha urbana, como também a etapa inicial de um processo em que esta expansão passa a ser determinada, principalmente, pelas necessidades de reprodução de certas unidades do capital, tanto nacional como estrangeiro (ABREU, 2006, p.43).

- 31 Sobre a análise do padrão de uso do solo, Beaujeu-Garnier (1980) afirma que as atividades comerciais irão procurar os espaços da cidade, onde a probabilidade de obter lucro seja maior, sendo escolhido o lugar de onde se possa tirar maior proveito da rede convergente de comunicações, transportes, infra-estrutura urbana, entre outros. Essa localização em um primeiro momento é geralmente restrita ao centro da cidade e as suas imediações.
- 32 Em relação às atividades industriais, a autora reconhece que há uma variedade de fatores que interferem em sua localização, podendo ser: a natureza do empreendimento, necessidade por matérias-primas, mão-de-obra, proximidade com as redes de transporte e comunicação, entre outros. A literatura sobre esse assunto é riquíssima, sendo embasada por distintas metodologias e trabalhos empíricos (BEAUJEU-GARNIER, 1980).
- 33 Beaujeu-Garnier aponta que a localização das atividades industriais no “centro da cidade” e em suas imediações, está muito ligada a fatores históricos, visto que geralmente esse é o núcleo de fundação da cidade, para onde as atividades e instituições econômicas, políticas e sociais convergem primeiramente.
- 34 O Rio de Janeiro oitocentista era uma cidade com reduzida mobilidade espacial, o que implicava em moradias próximas aos locais de trabalho. Dessa forma, residir no entorno do “centro da cidade” significava mais do que ter poucos gastos com transporte, representava para a massa da população a garantia de sobrevivência (ABREU, 2006). Os dados do Recenseamento da população do Município Neutro de 1872 (IBGE *apud* PINTO, 2007), clarificam a concentração de operários na freguesia de Santana, sendo de 25%, seguida pelas freguesias de Santa Rita (20%) e Sacramento (19%).
- 35 A freguesia de Santana era a que mais concentrava habitações coletivas, tendo em 1886, 392 focos de infecção, o que causava “assombro, senão horror, o estado dessa freguesia” (IBITURUNA, 1886, p.33). Logo após tinha-se a freguesia da Glória (160) e Espírito Santo (149). A concentração desse tipo de moradia nessa periferia imediata ao “centro da cidade” acentuava a mistura de usos do solo, conforme observado nos cartogramas apresentados. Nota-se pelos dados acima que o mercado de trabalho/consumidor na Cidade Nova era um fator atrativo para as atividades produtivas.
- 36 A pesquisa de Motta (2001) mostra que o desenvolvimento de uma área central no Rio de Janeiro no final do século XIX afetou o uso do solo urbano na Cidade Velha e em suas imediações. As mudanças verificadas no uso do solo ainda não permitem que se aplique o conceito propriamente dito de área central a Cidade Velha, porém nota-se o embrionário desenvolvimento desse processo.
- 37 Através dos dados utilizados em sua pesquisa é possível perceber uma especialização dos serviços e uma diminuição da função residencial, expulsão que ocorria lote a lote, devido ao alto valor do aluguel dos imóveis.
- 38 Diante da centralização que vinha ocorrendo na Cidade Velha, o setor secundário era empurrado para a periferia ou áreas longínquas, em busca de fatores atrativos. O autor concluiu que as maiores companhias, com elevado número de funcionários e necessitando de instalações amplas, buscavam a descentralização. Nesse ponto a Cidade Nova oferecia a essas companhias amplos terrenos a um preço baixo, o que dificilmente era encontrado na densamente ocupada Cidade Velha. Em relação às companhias de menor capital, com tecnologia arcaica, estas ainda eram organizadas pelo antigo padrão locacional, optando, especialmente, por continuar na Cidade Velha.

- 39 Pelo aumento do número de registros das atividades econômicas, em especial a do setor manufatureiro, a formação dessa embrionária área central pode ter influenciado o deslocamento de algumas atividades. A população também era empurrada. Os ricos, principalmente para os bairros de Botafogo e Glória e os rejeitados da cidade para as pestilentas habitações coletivas.
- 40 Além dos fatores acima, também é preciso considerar que as mudanças verificadas no uso do solo não podem ser dissociadas dos processos que o Rio de Janeiro era submetido. Segundo Santos (2006) os eventos mudam o conteúdo dos objetos e as formas espaciais, propondo, assim uma nova história e geografia. A partir da chegada da Corte, a cidade do Rio de Janeiro passou por inúmeras transformações que alteraram profundamente o cotidiano da cidade. O Rio de Janeiro do século XIX estava integrado às principais rotas marítimas, em especial com a Europa e a África, além disso, seu porto era um dos principais do Atlântico Sul. A partir de meados do século XIX, a cidade iniciou sua caminhada como principal centro político e pólo econômico do Brasil, através das funções portuária e financeira e posteriormente pelas funções industrial e administrativa (BERNARDES, 1961).
- 41 Nesse sentido, o crescimento industrial do Rio é visto como: “Uma resposta ao enriquecimento da cidade enquanto porto exportador de café e ao crescimento populacional, que visava atender as necessidades crescentes de um mercado interno” (OLIVEIRA, 1987, p.302 *apud* MOTTA, 2001, p.67). Em relação ao crescimento populacional, entre 1799 e 1821 a cidade teve uma taxa de crescimento de 160%.  
(...) uma nova burguesia comercial cresceu, desta vez interessada em investimentos urbanos, como transportes, serviços em geral e na indústria. Tudo isso era propiciado pela abertura de créditos para essas atividades, pela desvalorização da moeda (resultado inflacionário do encilhamento) que encarecia os produtos importados competitivos sem impedir a importação de máquinas e de tecnologia, pela abolição da escravidão, ampliando o mercado consumidor e pela grande imigração, responsável pela manutenção de baixos níveis salariais em virtude da grande oferta de força de trabalho. (LOBO, 1978, p.35 *apud* MOTTA, 2001, p.35)
- 42 A partir de meados do século XIX, os estabelecimentos de grande porte começam a se deslocar para a periferia da cidade, onde era comum a formação dos bairros operários. Essas instalações também se beneficiavam dos terrenos extensos e a preços mais baixos, além disso, a rede de transporte, seja ela férrea, rodoviária ou fluvial também exerceu grande importância nesse processo de expansão do tecido urbano, influenciando a re-localização das atividades econômicas, em especial as do setor industrial (BEAUJEU-GARNIER, 1980), como pudemos verificar para a Cidade Nova.

## Considerações Finais

- 43 De um extenso mangal a Cidade Nova passa a ser um dos vetores da expansão urbana da cidade do Rio de Janeiro em meados do século XIX. Estratos urbanos mais pobres, por sua vez, tiraram vantagens desses terrenos próximos ao centro da cidade, que logo foram retalhados em lotes estreitos e profundos, surgindo daí um espaço que iria se caracterizar pela multiplicidade de usos do solo, com grande concentração de população imigrante e de população liberta, além de pequenas oficinas e manufaturas.
- 44 Pela análise dos cartogramas de 1872 e 1888, o comércio varejista e o uso misto foram os que apresentaram maior número de registros. O primeiro porque eram atividades

relacionadas ao cotidiano da população e quanto ao uso misto, a multifuncionalidade dos prédios era bem comum no Rio de Janeiro no período em tela. A multiplicidade de usos do solo é o que caracteriza o padrão de uso do solo da Cidade Nova oitocentista. Suas vantagens locacionais foram fundamentais para a convergência de uma multidão de trabalhadores em busca de seu ganha pão, bem como de atividades econômicas em busca das atratividades locacionais desse espaço.

- 45 A justaposição das atividades era um padrão de uso do solo herdado do período colonial. Entretanto essas contradições só seriam minimizadas no início do século XX, a partir da Reforma Passos. Essa grande intervenção urbanística no espaço urbano do Rio de Janeiro pretendia organizá-lo segundo as novas bases ideológicas que não mais permitissem a presença de pobres na área central, nem a de formas antigas e contraditórias ao ideal modernizador. O passado colonial deveria ser paulatinamente apagado da paisagem da cidade e dos hábitos de seus moradores.
- 46 Por fim, os cartogramas elaborados não são uma representação fidedigna da realidade, no entanto se aproximam desses espaços do passado. O mapeamento dos usos urbanos nos conduziu para uma análise enriquecedora a respeito da organização interna do Rio de Janeiro no período oitocentista, e, sobretudo para a produção de material cartográfico que possa minimizar os hiatos temporais que as pesquisas que lidam, principalmente, com o passado enfrentam. Embora os cartogramas tenham sido elaborados a partir de objetivos específicos, isso não minimiza sua importância para as pesquisas que focam temas similares aos aqui trabalhados.

---

## BIBLIOGRAPHY

ABREU, M.A. Construindo uma Geografia do Passado: Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVI. In: **GEOUSP- Cidade e Tempo**, São Paulo: HUCITEC, n°7, pp. 13-25, 2000.

\_\_\_\_\_. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 4ª edição, 2006).

\_\_\_\_\_. **Geografia Histórica do Rio de Janeiro (1502-1700)**. Rio de Janeiro, 2010.

BEAUJEU-GARNIER, J. **Geografia Urbana**, Fundação Calouste Gulbenkian,; Lisboa, 1980.

DEUS, L.B. de. Imagens do Passado: a Baía de Guanabara colonial e a cartografia militar européia. In: **Simpósio Ibero-Americano de História da Cartografia**, 1ª edição, pp. 5-16, 2006.

GERSON, G. **História das Ruas do Rio**. Rio de Janeiro: Larcerda Editores, 5ª edição, 2000.

GOMES, P.C.C. Um Lugar para a Geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. In: **Espaço e Tempo: complexidade e desafios do pensar e fazer geográfico**. MENDONÇA, F. A., LOWEN-SAHR, C. L. e SILVA, M. (Org.). Curitiba: Associação de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antonina, p. 13-30, 2009.

MOTTA, M.P. da. **O Centro da Cidade do Rio de Janeiro na Segunda Metade do século XIX- reflexões sobre a noção de área central na cidade do passado**. Dissertação de Mestrado-PPGG/ UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.



NASH, C. and GRAHAM, B. The Making of Modern Historical Geography. In: **Modern Historical Geographies**. GRAHAM, B. and NASH, Catherine (Ed.). London: Longman, p. 1-9, 2000.

PINTO, F.M. **A Invenção da Cidade Nova do Rio de Janeiro: agentes, personagens e planos**. Dissertação de Mestrado- IPPUR/ UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

SANTOS, M. Sociedade e Espaço: a formação social como teoria e como método. In: **Espaço e Sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2ª edição, pp. 9-27, 1979.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 4ª edição, 2006.

SMITH, C. T. Historical Geography: current trends and prospects. In: GRENN, D. B. (ed.). In: **Historical Geography: a methodological portrayal**. Savage, Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, pp. 83-103, 1991.

SOUZA, M.J.L. O Bairro Contemporâneo: ensaio de abordagem política. In: **Revista Brasileira de Geografia**, 51, (2), pp. 139-172, 1989.

## APPENDIXES

### Fontes Primárias

IBITURUNA, B. (1886) Parecer da Inspetoria Geral de Hygiene sobre as Estalagens ou Cortiços. Projeto de Alguns Melhoramentos para o Saneamento da Cidade do Rio de Janeiro apresentado ao Governo Imperial pela Inspetoria Geral de Hygiene. – Rio de Janeiro: Typ. De Pereira Braga.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (1872 e 1888). [Em linha] Disponível em: <http://www.crl.edu/content/almanak2.html>. [Consultado em: 26/09/2009.]

*Plan of the city of Rio de Janeiro* (Edward Gotto, 1866). [Em linha] Disponível em: <http://www.unicamp.br/cecult/mapastematicos/>. [Consultado em: 26/09/2009.]

## NOTES

1. Um grande marco para a geografia histórica foi a criação em 1975 do *Journal of Historical Geography*, por John Patten e Andrew Clark. O periódico não tem como objetivo apresentar uma definição rigorosa e precisa dos limites da geografia histórica, que deve ser entendida como híbrida e eclética (DARBY, 1983).

Como principais referenciais no Brasil citamos: a Rede Brasileira de História da Geografia e de Geografia Histórica (Rede Brasilis); o III Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico e I Encontro Nacional de Geografia Histórica (Rio de Janeiro/2012). Quanto aos grupos de pesquisa temos: “Salvador: transformações e permanências”, coordenado pelo Prof. Dr. Pedro de Almeida Vasconcelos (UCSAL) e o “Núcleo de Pesquisa de Geografia Histórica”, um dos mais importantes no Brasil e que foi coordenado pelo Prof. Dr. Maurício de Almeida Abreu (UFRJ).

---

## ABSTRACTS

O topônimo Cidade Nova (RJ) surge com a chegada da Família Real (1808), para designar a *nova cidade* que estava em processo de formação. Em meados do século XIX, ela se torna um dos vetores da expansão urbana da cidade. A questão central do trabalho é discutir os fatores que contribuíram para as mudanças verificadas no padrão de uso do solo na Cidade Nova oitocentista. A fonte primária utilizada foi o Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (*Almanak Laemmert*). Adotou-se como base cartográfica para a espacialização dos usos do solo a *Plan of the City of Rio de Janeiro* (Gotto, 1866). Consideramos que o mapeamento realizado não é uma representação fiel da realidade da época, porém se aproxima da dinâmica desses espaços do passado, contribuindo para uma análise enriquecedora do Rio de Janeiro oitocentista.

El topónimo Cidade Nova (RJ), surge con la llegada de la Familia Real (1808), para designar a la *nueva ciudad* que estaba en proceso de formación. En mediados del siglo XIX, ella se torna un de los principales medios de la expansión urbana de la ciudad. La cuestión central del trabajo es discutir los factores en que lograron para los cambios verificados en el patrón del uso del suelo en la Cidade Nova del siglo XIX. La fuente primaria utilizada es el *Almanak Laemmert*. Se adoptó como base cartográfica para la espacialización del uso del suelo el mapa *Plan of the City of Rio de Janeiro* (Gotto, 1866). Consideramos que el mapeamento realizado no es una representación fiel da realidad de la época, sin embargo se aproxima de la dinámica de estos espacios del pasado, contribuyendo para un análisis enriquecedor del Río de Janeiro decimonónico.

Le toponyme *Cidade Nova* (RJ) a été créé quand la Famille Royale est arrivé au Rio de Janeiro dans 1808, pour désigner la nouvelle ville qui était en voie de formation. Dans le milieu du XIXe siècle, il devient l'un des vecteurs de l'expansion urbaine de la ville. Cet article analyse des facteurs qui ont contribué aux changements dans les modes d'utilisation des terres au XIXe siècle à Cidade Nova. La principale source utilisée était l' *Almanak Laemmert*. Le Plan de la Ville de Rio de Janeiro (Gotto, 1866) a été adopté comme base pour la cartographie. Nous considérons que la cartographie fait n'est pas une représentation fidèle de la réalité de l'époque, mais ressemble à la dynamique de ces espaces du passé, contribuant à une riche analyse du Rio de Janeiro au XIXe siècle.

The toponym *Cidade Nova* (RJ) comes with the arrival of the Royal Family (1808), to designate the new space that was in process of formation. In the mid-nineteenth century, it becomes one of the vectors of the urban expansion of the city. The following study aims to discuss the factors that contributed to the changes in pattern of land use in the *Cidade Nova*. The primary source used was the *Almanak Laemmert*. It was adopted as a basis for spatial mapping the Plan of the City of Rio de Janeiro (Gotto, 1866). We consider that the mapping done is not a faithful representation of the reality of the time, but resembles the dynamics of these spaces of the past, contributing to a rich analysis of nineteenth-century Rio de Janeiro.

## INDEX

**Chronological index:** 1800-1900

**Mots-clés:** Cidade Nova (RJ), Almanak Laemmert, cartographie, géographie historique

**Geographical index:** Cidade Nova

**Keywords:** cartography, historical geography

**Palabras claves:** cartografía

**Palavras-chave:** geografia histórica

## AUTHOR

**PATRÍCIA GOMES DA SILVEIRA**

Mestre em Geografia - Universidade Federal do Rio de Janeiro